

Renato Modernell

A notícia  
como  
fábula

Realidade  
e ficção  
se confundem  
na mídia

Copyright © 2012 Renato Modernell.

Todos os direitos reservados à Universidade Presbiteriana Mackenzie e à Summus Editorial. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Summus Editorial.

*Coordenação editorial:* Joana Figueiredo

*Capa e projeto gráfico:* Alberto Mateus

*Diagramação, preparação de texto e revisão:* Crayon Editorial

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Modernell, Renato

A notícia como fábula : realidade e ficção se confundem na mídia / Renato Modernell. — São Paulo : Universidade Presbiteriana Mackenzie : Summus, 2012.

Bibliografia.

ISBN (Mackenzie): 978-85-7916-134-6

ISBN (Summus): 978-85-323-0517-6

1. Comunicação escrita 2. Ficção 3. Jornalismo 4. Jornalismo literário 5. Mídia 6. Notícias jornalísticas 7. Realidade I. Título.

12-07135

CDD-070.43

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Realidade e a ficção nos textos jornalísticos :

Construção da notícia : Jornalismo 070.43

## **UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**

Rua da Consolação, 930

Edifício João Calvino, 7º andar

CEP: 01302-907 — São Paulo — SP

Tel.: (5511) 2114-8774/2114-8785

editora@mackenzie.com.br

www.editora.mackenzie.br

## **SUMMUS EDITORIAL**

Rua Itapicuru, 613, 7º andar

CEP: 05006-000 — São Paulo — SP

Tel.: (5511) 3872-3322 - Fax (5511) 3872-7476

www.gruposummus.com.br

Como adquirir os livros:

### **Livraria Mackenzie**

*Campus* Higienópolis

Rua Itambé, 135 — Prédio 19 — loja 1

CEP 01302-907 — São Paulo — SP

Tel.: (5511) 2766-7027

livraria@mackenzie.br

### **Summus Editorial**

Tel.: (5511) 3873-8638 - Fax (5511) 3873-7085

www.gruposummus.com.br

# Sumário

|                    |                                     |     |
|--------------------|-------------------------------------|-----|
| <b>Prefácio</b>    | Muito além da pauta                 |     |
|                    | <i>José Carlos Marão</i>            | 11  |
| <b>1</b>           | A máquina de escrever               | 15  |
| <b>2</b>           | <i>Si non è vero, è ben trovato</i> | 21  |
| <b>3</b>           | Outro passeio no bosque             | 41  |
| <b>4</b>           | Periodicidade e silêncio            | 51  |
| <b>5</b>           | Selando a aliança social            | 57  |
| <b>6</b>           | Espírito corporativo                | 63  |
| <b>7</b>           | Equívocos cristalizados             | 75  |
| <b>8</b>           | Luzes na Estação da Luz             | 89  |
| <b>9</b>           | A arte da escritura                 | 97  |
| <b>10</b>          | A tentação dos adjetivos            | 109 |
| <b>11</b>          | Quando saímos da estrada            | 117 |
| <b>12</b>          | Eloquência vazia                    | 123 |
| <b>13</b>          | O monopólio da memória              | 141 |
| <b>14</b>          | Ora (dizeis), ouvir estrelas!       | 151 |
| <b>15</b>          | <i>Serendipities</i>                | 157 |
| <b>Referências</b> |                                     | 161 |
| <b>Índice</b>      |                                     | 165 |

Prefácio

# Muito além da pauta

JOSÉ CARLOS MARÃO\*



Um dia alguém me cochichou, num canto da redação:

– Tem um aí que sabe escrever.

Era uma injustiça, claro. Afinal, todos os jornalistas, em princípio, sabem escrever. Mas a frase tinha sentido, naquele contexto. E provavelmente já continha uma boa dose de *fabulação*, fenômeno que Renato Modernell descreve muito bem neste seu *A notícia como fábula*.

Eram os tempos em que *Quatro Rodas*, uma revista de automóveis em um país que só tinha quatro montadoras e alguns poucos modelos de carros, precisava, todo mês, cativar e prestar serviços aos seus leitores. Importação, nem pensar: era

---

\* Foi repórter no jornal *Folha de S.Paulo* e nas revistas *O Cruzeiro* e *Realidade*. Na Editora Abril, participou da criação da revista *Realidade* e foi diretor do grupo *Quatro Rodas*. É autor do livro *Realidade Re-Vista*, lançado em parceria com José Hamilton Ribeiro, em 2010. Atualmente é editor da Anagrama Editorial e integrante do Projor, Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, entidade sem fins lucrativos criada pelo jornalista Alberto Dines, que mantém, entre outras operações, o Observatório da Imprensa On-Line.

proibida. A solução era lembrar, a todo momento, que dentro de cada carro havia uma pessoa. E criar pautas de interesse dos leitores nesse universo: segurança, viagens, história, educação, economia. Os assuntos técnicos sobre modelos que o público poderia comprar não seguravam a revista, que, a cada mês, era ansiosamente esperada por um grande contingente de leitores. (Aliás, essa questão da periodicidade das publicações também é muito bem analisada por Modernell, nas próximas páginas, como mais um fator de *fabulação*.)

As vagas, na redação, eram, em sua maioria, ocupadas por jornalistas da área técnica. Então, o grande suprimento de reportagens da chamada “geral” era feito por *freelancers*. Com o tempo, à medida que surgissem vagas, alguns acabariam sendo contratados.

Aquele que *sabia escrever*, como todos já adivinharam, era um dos jovens que faziam *freelance* para *Quatro Rodas* e um dia seria contratado: Renato Modernell. Sim, o mesmo que hoje é mestre em jornalismo e doutor em letras.

A revista queria e precisava de gente que enxergasse além da pauta. As pautas, criadas na redação em um ambiente praticamente isolado do cotidiano das cidades, deveriam ser apenas sementes que germinariam se fossem plantadas em um bom terreno, ou seja, um bom repórter. Ou, como talvez dissesse o Modernell de hoje, as pautas precisavam de alguma *fabulação*. O Modernell daquele tempo já sabia ou intuía isso: suas matérias traziam sempre muito mais do que a pauta pedia.

Só esta qualidade já justificaria a frase lá de cima: *tem um aí que sabe escrever*.

Aliás, neste livro, ele dá um excelente exemplo de enriquecimento de pauta. O *buraco de rua*, para quem não sabe, é

sinônimo, nas redações, de matéria que nenhum repórter quer fazer. Receber a tarefa de fazer uma reportagem sobre um buraco de rua é sinal de falta de prestígio. Ou de estar sendo perseguido pelo chefe. No comecinho dos anos 1960, não era apenas sinônimo: buraco de rua significava literalmente ir até um bairro, fotografar o buraco e escrever um texto. Em uma cidade esburacada, os jornais atendiam as reclamações de leitores.

Modernell mostra como um simples buraco de rua pode afetar a vida de uma moça que queria ser modelo ou de um comerciante que recebia visitas frequentes da fiscalização. Ou seja, em qualquer matéria, se o repórter enxergar além da pauta e perguntar para si mesmo em que ponto aquilo afeta a vida do cidadão comum, terá um material muito melhor para trabalhar.

Ir além da pauta, porém, é apenas metade da tarefa. A outra metade é colocar tudo isso no papel (perdão, na tela) de maneira cativante, para levar o leitor até o fim do texto. E, é claro, o jovem Modernell também tirava de letra essa segunda parte de uma boa reportagem. Justificava plenamente o *sabe escrever*.

Alguns colegas diziam que era covardia pois, afinal, o rapaz já era um contista premiado. Outra injustiça: muitos jornalistas que nunca tinham se aventurado pela literatura também escrevem muito bem.

Esse *como* escrever é discutido pelo professor Modernell nesta obra. Ele vai buscar um exemplo no jazz. Quando perguntaram a Louis Armstrong o que é o jazz, ele respondeu: *o jazz não é um que, mas como*.

Na verdade, nada impede (a não ser a idiossincrasia de alguns chefes) que a vida real seja escrita em forma de romance.

É possível atender a todos os requisitos da pirâmide invertida, todos os  $W^1$  do lide, em forma de romance. Basta saber.

Nem sempre isso é aceito. Tive uma matéria<sup>2</sup> publicada na revista *Realidade*, em maio de 1966, com várias ousadias em relação ao convencional do texto jornalístico. A redação mandou a matéria para o prêmio Esso e vieram me dizer, depois, que ela disputou a final e ficou em segundo lugar, porque era *mais uma crônica do que uma reportagem*. Se a matéria ficou mesmo em segundo, eu não sei. Mas a simples frase mostrava preconceito quanto à forma do texto: era sim uma reportagem, mas escrita de forma não convencional.

O uso de uma forma mais literária e de recursos literários sempre leva a uma *fabulação* da verdade. Mas recursos tipicamente jornalísticos têm o mesmo efeito, como bem demonstra o professor Modernell.

Enfim, a leitura do *A notícia como fábula* leva a importantes reflexões sobre a profissão e o trabalho dos jornalistas. Mesmo quando achamos que estamos levando ao público *a verdade nua e crua*, pode ser que, no próprio esforço para apresentar o fato puro e simples, já esteja contido o *fator de fabulação*.

Seria o caso até de pedir licença ao mestre Alberto Dines para usar o *slogan* do Observatório da Imprensa: *you never read the newspaper the same way*. Depois da leitura do *A notícia como fábula*, você também nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito. O acadêmico Renato Modernell voltou a ser repórter e, mais uma vez, foi muito além da pauta.

---

<sup>1</sup> O “lide”, forma aportuguesada de *lead*, deve, em princípio, responder aos vários “Ws”: O que?, Quem?, Quando?, Como?, Onde?, Por que? (em inglês, os cinco “Ws”: *What, Who, When, Where, Why*). O “como” (*how*) é incluído somente por alguns professores.

<sup>2</sup> “Nossa cidade”, edição n. 7, sobre Conceição do Mato Dentro (MG).

# A máquina de escrever



Acho que me tornei jornalista ali pelos nove anos de idade. A culpa não foi minha. Foi de uma máquina de escrever Remington, de fabricação uruguaia, naturalizada brasileira após ajustes nas barras de tipos, que ficava no balcão da portaria do hotel da nossa família, no litoral do extremo sul do Brasil. Aquele objeto de ferro fundido, com pintura granulada em tom cinza esverdeado, atraía-me para a penumbra do escritório mesmo quando, lá fora, o sol também me incitava às espumosas delícias do verão na Praia do Cassino. Era pesado, sóbrio, frio, cheio de letras, hastes, ganchos, engrenagens oleosas, e tudo isso funcionava para gerar coisas leves e voláteis como as palavras.

Nessa máquina, produzi várias edições de um jornalzinho que noticiava os campeonatos de futebol de botão que eu disputava contra mim mesmo. Eu tinha numerosos times, mas nenhum amigo por perto durante determinado período do ano, entre o

Carnaval e a Páscoa, quando já não havia mais veranistas no hotel, mas ainda permanecíamos na praia. Como administrar a solidão? Ora, vamos fazer acontecer umas coisas — e noticiá-las.

Ao manejar meus times, um contra o outro, eu precisava me desdobrar em dois diferentes “técnicos” com objetivos antagônicos. Minha obrigação era ser neutro, imparcial. (Mais do que isso: nessa época, meu sonho era ser invisível, mas isso não vem ao caso.) Bem, eu me esforçava por fazer os dois times se enfrentarem, digamos, com suas próprias forças, como se aquilo fosse algo independente de mim. Colocava talco na mesa para simular poeira, fumaça de foguetes, chuva de papel picado jogado pelos torcedores. Tudo tem de ter *clima*, não só um jantar à luz de velas.

Pelo fato de o imaginário do jogo de botão, miniaturização do futebol de verdade, ancorar-se num referencial externo (ao contrário dos jogos de dados ou de damas), eu precisava dar credibilidade a meus campeonatos, promovendo a semelhança com a vida real. Assim, apesar da sincera intenção de equanimidade, que me impedia de favorecer o time da minha preferência, por outro lado eu me sentia compelido a produzir resultados plausíveis. Ou digamos que ficasse satisfeito quando isso “simplesmente acontecia”. Resultados inesperados podiam ocorrer, é claro, mas com o mesmo grau de incidência que eles têm no futebol de verdade. Essa ambiguidade dominava meu íntimo na hora de criar a sequência de jogadas sobre a mesa.

Num segundo momento, diante da máquina de escrever, atuando como jornalista-mirim, minha atitude era bem outra. Por instinto, eu sabia que deveria noticiar fielmente os resultados das partidas. Não tinha o direito de modificar os fatos, ainda que só eu mesmo fosse ler aquele jornalzinho e